

CONVIVIALIDADE ENTRE HUMANOS E OUTROS ENTES: conhecendo os saberes e práticas no trato da saúde do corpo e do espírito, na tradição oral de reinadeiros em Divinópolis-MG

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho¹

Fernanda de Souza Vilela²

Luisa Mendes Odilon³

Jéssica Moreira da Silva⁴

Leonam Maxney Carvalho⁵

RESUMO

Apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa que busca conhecer e registrar a dinâmica de agências e a convivialidade entre os humanos detentores da tradição do Reinado em Divinópolis-MG e os não-humanos, tais como os seres-planta, entidades e espíritos dos antepassados, para compreender o trato da saúde integral, do corpo e do espírito. Serão apresentados os depoimentos dos reinadeiros entrevistados sobre os saberes vivenciados, tomando como ponto de partida o aprendizado da sabedoria que eles cultivam e mantêm com suas ancestralidades. O referencial teórico e metodológico perpassa a antropologia e as ciências sociais, com o uso da etnografia, da sociopoética e o diálogo com autores que pesquisam as agências de entes não-humanos, como Gell (2018), Viveiros de Castro (2015), entre outros pesquisadores que estudam o universo do Reinado. Os resultados trazem o ensinamento sobre o uso de ervas e plantas, suas propedêuticas, potenciais transformativos no corpo e do espírito, por orientação de entidades ou antepassados, recebida por esses mestres, por mediunidade ou oralidade, na busca de uma saúde integral. Será transcrito, a partir da fala dos protagonistas, saberes que versam sobre a força dos benzimentos, dos banhos, das rezas, no tratamento das doenças de diversas origens, assim como o uso das ervas no preparo de chás. Ao adentrar na legião de seres envolvidos e despertados pela convivialidade entre os diversos entes e aprender sobre o papel da agência das plantas nesse processo, visa-se divulgar e valorizar os saberes ancestrais oriundos da tradição oral afro-brasileira, assim como propiciar um arcabouço analítico e fenomenológico das socialidades nos diversos planos, na sociedade humana, no universo dos seres-planta, na dimensão dos seres espirituais. Este trabalho integra a pesquisa “Memórias do Rosário cantado e contado: construindo uma práxis de pesquisa-intervenção com as histórias de fé e vida em Divinópolis-MG”, Edital FAPEMIG 09/2024.

Palavras-chave: Reinadeiros, Cura integral, Oralidade, Convivialidade, Agência não-humana.

¹ Mestra pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; tatiana.maciел@uemg.br.

² Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG; psicologafernandavilela@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG; luisa.1699718@discente.uemg.br.

⁴ Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG; jessica.1699812@discente.uemg.br.

⁵ Professor orientador: Doutor, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP; leonam.carvalho@uemg.br.

INTRODUÇÃO

Os resultados parciais que iremos apresentar e discorrer são frutos de um recorte temático⁶, voltado para o trato da saúde com ervas e benzimentos, presente na vivência de reinadeiros do município de Divinópolis – MG. Ademais, dada a especificidade deste universo cultural onde predomina a religiosidade, expressa na devoção à Nossa Senhora do Rosário e demais santos do Reinado, procuramos adentrar na convivialidade, que decorre desse trânsito, entre o sagrado e a cotidianidade, os fiéis e os santos, a ancestralidade e os saberes que são transmitidos pela oralidade. Destaca-se, para o escopo deste trabalho, a agência das plantas e a força dos benzimentos nas práticas de cuidado e busca da restauração da saúde.

O Reinado, também conhecido como Congado/Congadas, é um misto de cultura e religiosidade afro-brasileira, presente no Brasil desde o período colonial. Estudiosos do tema⁷ apontam elementos da cultura Bantu⁸, além do catolicismo, de modo que, segundo Oliveira, 2012, p.1:

As congadas mineiras surgirão no cenário de escravidão como o espaço que irá congrega e revitalizar os valores culturais dos bantu em Minas Gerais. É onde, através da festa, os escravizados poderão mostrar o seu desejo de um dia serem livres e recriar uma realidade vivida por eles na África.

Nesse contexto diaspórico, pode-se afirmar que a devoção e louvor aos santos católicos, agregados aos demais símbolos, danças, cantos, instrumentos musicais, transformam-se em um rito de culto aos ancestrais e de libertação (Oliveira, 2012). De modo que a narrativa originária e repassada pela tradição é que Nossa Senhora do Rosário surgiu nas águas do mar para livrá-los da escravidão.

A despeito desse imbricamento que, etnologicamente, o Reinado apresenta, de ser um misto de cultura, tradição e religiosidade, termos que se ineterseccionam sem deixar de ter a sua especificidade, vale dizer que, se a cultura é “[...] a lente através da qual enxergamos o mundo” (Laraia, 2001[1986]), a religião é cultura ao quadrado, no superlativo, como nos aponta Pierre Sanchis (2018) e o qual também nos ensina que a religião “[...] põe em jogo uma totalidade, e sob o prisma do absoluto. Totalidade do mundo, explicação a mais global, em princípio sem resto [...]” (Sanchis, 2018, p. 24). E o que dizer da tradição que o Reinado nos apresenta? Um modo de ser, de viver no mundo, enraizado em memórias e saberes ancestrais que evoca o convívio com a sacralidade e funda o processo identitário nos territórios das

⁶ Recorte temático realizado via Edital PAPQ/UEMG nº 01/2025 – demanda induzida.

⁷ Mello e Souza (2002), Martins (2010) e Pereira (2010), entre outros.

⁸ O nome *bantu* foi dado por Bleck em 1862 a um corpo de aproximadamente 2000 línguas da África estudadas, onde a palavra designando gente era muNTU – pl. baNTU;

Irmandades. Realidade múltipla e complexa que desperta a possibilidade de vários caminhos ao desvendá-la. Uma nova geografia de afetos que emerge desta territorialidade e cujos desdobramentos se apresentam como circularidade, multidimensionalidade, irmandades, convivialidade entre mundos.

Intenta-se, neste contexto, compreender - na medida em que imergimos e somos também atravessados por essa realidade outra - o poder de agência dos entes, não-humanos e por vezes supra-humanos, ex-humanos, que ajudam a compor e a tecer essa rede de relações em busca de uma saúde integral, que corresponda ao corpo, às emoções, ao espírito. Em busca de equilíbrio no fortalecimento da fé, onde os santos e ancestrais dão o norte, o rumo, sustentam o prumo e mantêm a altivez, a beleza e a integridade de um povo, de uma afro-descendência que não foi bem recebida em terras diaspóricas, mas que carrega, junto dos seus, seus mortos, suas memórias, suas tradições, seus valores, seu *ethos* (Geertz, 2008 [1973]), enfim seu jeito de ser e estar no mundo.

A perspectiva teórica é a Antropologia, em diálogo com autores da Humanidades⁹. Nesse escopo, trabalharemos, sob o pano de fundo da cultura, que envolve, em sua especificidade o estudo das manifestações do sagrado, conceitos que buscam fugir de dicotomias rígidas e essencialistas tais como a consideração de natureza e cultura como separadas, ou ainda o entendimento de identidade cultural sem privilegiar os processos, as trajetórias, as adaptações frente às lutas e resistências contra as insistentes tentativas de apagamento e/ou silenciamento de modos outros de ser e estar no mundo que não o ocidental eurocêntrico, ou, já no Brasil, o das elites brancas que de forma monolítica buscam reproduzir e estruturar nas relações sociais, a crença irreal de uma supremacia branca. Elite esta que apresenta um discurso velado sobre a existência de racismo no Brasil, já que apostam no mito da democracia racial (Freyre, 2003 [1933]), mas, de modo inverso, racializaram e racializam ainda no presente, as relações sociohistóricas, fato incontestado pelo racismo estrutural do país (Almeida, 2019). Portanto, compreendendo que a colonialidade ainda se perpetua e se expressa no âmbito do poder, do ser e do saber (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018), daremos uma especial atenção a recursos analíticos e hermenêuticos que flexibilizem as dicotomias e os essencialismos, visto que impõem uma episteme universalista que se pretende hegemônica. Tudo isso tem um efeito aniquilador em outras culturas, ao ponto do escritor queniano Ngũgĩ Wa Thiong'o denominar esse processo de

⁹ Geertz (2008 [1973]), Laraia (2001 [1986]), Sanchis (2018), Gell (2018), Viveiros de Castro (2015), Illich (1973), Gilroy (2001), Pereira; Gomes (2018), entre outros.

dominação de “bomba cultural”:

O efeito de uma bomba cultural é aniquilar a crença das pessoas nos seus nomes, nos seus idiomas, nos seus ambientes, nas suas tradições de luta, em sua unidade, em suas capacidades, e, em última instância, nelas mesmas. Isso faz com que as pessoas vejam seus passados como uma terra devastada sem nenhuma realização, e faz com que elas queiram se distanciar dessa terra devastada (Wa Thiong’o, 2005 *apud* , (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL 2018, p.13).

Ora, ao contrário do que se pretendia o projeto da colonialidade no Brasil, os reinadeiros demonstram, com suas vivências que a “África aqui sobreviveu e passa muito bem” (Souza, 2018, p.7), e, embora não seja o intuito do presente trabalho discorrer sobre as permanências e adaptações que as tradições africanas performaram em solo brasileiro, importa destacar marcadamente a herança Bantu, principalmente no que se refere ao modo como se é transmitido os saberes, a fé, a partir do elo intergeracional, do mais velho para os mais novos, expressando assim um dos seus pilares que é a forte ligação com a ancestralidade.

Nessa concepção bantu, vêm dos mais velhos e dos antepassados o conhecimento, o ensinamento da sabedoria, dos provérbios; da disciplina e organização; das leis e da justiça na comunidade; da força e do trabalho; da cura e da manipulação das ervas, da dança, do canto e da fabricação dos instrumentos musicais. E no congado tal concepção não é diferente. Essa tradição só é mantida pela vitalidade gerada pelos antepassados na vida dos vivos, um elo imortal dessa força vital. (SOUZA, 2018, p. 190)

Serão apresentados os relatos do capitão da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, da Irmandade do Interlagos e Dona Quita, do município de Divinópolis – MG, o Sr. Adão Máximo, e de seu filho e aprendiz, Pablo Máximo. Seus depoimentos são resultados de entrevistas semi-estruturadas em torno do uso das ervas no trato da saúde e das práticas de benzimento. A metodologia utilizada é a etnografia, que permite o uso da observação participante, técnica qualitativa imersiva que nos leva aos territórios desses atores sociais. Nas etnografias, busca-se ouvir e dar voz, na primeira pessoa, aos sujeitos pesquisados. Procuramos acompanhar ao máximo o calendário dos reinadeiros na cidade, realizando registros audiovisuais e anotações de campo, considerando que a pesquisa da convivialidade integra uma pesquisa maior que fará um mapeamento das trajetórias de vida desses atores sociais. As discussões teóricas sobre os resultados apresentados estarão norteadas pelo conceito de convivialidade (Illich, 1973), o qual busca superar as dicotomias clássicas – natureza e cultura – que organizam as formas de pensar as sociedades desde a modernidade. A ideia de convivialidade não se fixa nessas divisões e se interessa pelas interações entre humanos e não-humanos. Já o conceito de agência (Gell, 2018) abre o espectro analítico ao apontar para a capacidade de um objeto agir como um agente social. É pois, nessa rede de relacionais entre os vivos, os mortos, os santos, as entidades, as plantas, que pretendemos imergir e aprender com quem vive esse trânsito, entre este mundo e os de lá, da África ancestral, da

Kalunga: a licença aos mais velhos, nos sentamos para ouvir e saudar: Salve Maria!

TRADIÇÃO, ORALIDADE E AS ENCRUZILHADAS DO ESPAÇO/TEMPO BRASIL

Os saberes e práticas no cuidado da saúde integral, através do uso de ervas e rezas presentes na vida de reinadeiros do centro-oeste mineiro, carregam o legado de uma tradição afro-brasileira que é transmitido pela oralidade. Embora possa-se compreender o termo “tradição” em sua relação com a “modernidade” e, nesse sentido, busca-se apreender uma certa linearidade em que o novo supera o antigo, trazendo mudanças e transformações que a temporalidade histórica comporta, faremos uso do conceito de tradição-princípio, tal como pontuado por Pereira e Gomes (2010), que por sua vez é inscrito em um tempo circular e faz dos acontecimentos o alimento de sua atividade. “Como princípio, a tradição [...] ativa a necessidade de ficarmos atentos a um mecanismo que preserva e muda o tempo e no tempo” (Pereira; Gomes, 2010, p. 49). Nessa perspectiva semântica da tradição, é possível considerar os matizes sincréticos e porosidades identitárias (Sanchis, 2018), não como algo incompleto, inacabado, fragmentário ou mesmo contraditório, mas é possível afirmar que são múltiplas as formas de adaptações, permanências e mudanças que os saberes ancestrais dos afro-descendentes em terras brasileiras performaram e perfomam em suas vivências.

Ao considerar, portanto, que as experiências de vida ultrapassam qualquer leitura conceitual e analítica da realidade estudada, privilegiamos aproveitar ao máximo o depoimento do Capitão da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, o Sr. Adão Máximo, por agregar junto ao reinado, a prática que denomina como “umbanda de mesa”, os saberes com as ervas e os benzimentos. De modo mais pontual e complementar, traremos a fala de seu filho, Pablo Máximo. Ora, se a “cultura negra é o lugar das encruzilhadas” (Martins, 2010, p.64), é por isso também o lugar onde é possível conhecer tanto a origem quanto a disseminação desses saberes e práticas que nos propomos a investigar. Honrando a ancestralidade, seja na memória viva dos pais, avós, dos mais antigos que a oralidade perpetua, seja na vivência próxima com guias espirituais, é que o mundo da vida desses sujeitos sociais se constitui, “Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa [...]” (Padilha, 1995, *apud* Martins, 2010, p. 79). Por isso iniciamos a divulgação desses saberes perguntando aos nossos interlocutores: “como que vocês aprenderam sobre o uso das ervas, chás, banhos, ou benzimentos, para tratar as doenças ou fortalecer o corpo e o espírito? Sr. Adão responde-nos: “Ah, foi com os nossos mais velhos, né? Foi pai, avô, vó, né, com eles que nós aprendemos, no dia a dia, os acontecimentos.”

CURA INTEGRAL COM ERVAS E BENZIMENTOS

A noção de saúde entre os reinadeiros não se reduz à lógica dicotômica de corpo e mente adotada pela biomedicina, mas é construída na busca da integração do corpo e alma, perpassando visível e invisível, humano e não-humano, material e espiritual. Logo, a saúde é entendida como a manutenção dessa inteireza, um caminho de recomposição, indicando um processo de restauração daquilo que foi partido, enquanto a doença representa essa quebra e se expressa em sintomas de expurgo.

No contexto do Reinado de Divinópolis, a necessidade do cuidado integral com a saúde é constante. Esta se manifesta no modo de vida baseado no crer, pois, para os praticantes, grande parte dos males não têm origem apenas na carne. Como observa Verger (2002), a origem das desordens nas tradições de matriz africana compreendem, “o indivíduo, os ancestrais, a comunidade e a natureza” e por vezes reflete aspectos da sociedade e do ambiente em que se vive. Dada a variedade de fatores causadores, o trato da saúde no Reinado não se limita a sanar os sintomas fisiológicos, mas soma-se aos benzimentos, ao uso de ervas e rituais coletivos que compõem a integralidade do processo de manutenção do bem-estar. A partir dos relatos colhidos nas entrevistas, pode-se inferir que a fé e a devoção são consideradas os pilares de recomposição da harmonia, conforme afirma Pablo Máximo, “É a fé, né? Quando a pessoa tem fé, ela é curada, do dia pra noite”.

Nessa perspectiva de uma compreensão da saúde como uma integralidade que envolve o corpo e o espírito, as ervas, segundo o Sr. Adão, não são apenas recursos botânicos, “Às vezes a gente até já perdeu a esperança e você vê que tem resultado... É uma dádiva que Deus deu. Deus, tá na Terra, é nosso”. Elas se constituem como “remédio mesmo, porque é uma cura que a gente vê constantemente, seja para o lado espiritual ou tanto material” (Sr. Adão, 2025). Para tanto, elas são preparadas em chás, banhos, emplastros e defumadores. Essa manipulação não é puramente técnica, é também litúrgica, na qual o ato de colher não se esgota na materialidade da ação. Exige-se a aplicação dos conhecimentos ancestrais acerca de elementos simbólicos, míticos e cósmicos como a posição do sol, o ciclo lunar, a parte da planta mais poderosa para a aplicabilidade específica que se deseja (caule, folha, raiz, flor), as rezas, as invocações, as orientações recebidas das entidades, seja por intuição, seja por incorporação.

Dentre os discursos colhidos, a planta por ele conhecida como “disciplina¹⁰” se destacou por fortalecer e equilibrar internamente a pessoa que a utiliza, conforme enfatiza o Sr. Adão;

¹⁰ Nome científico ainda em investigação.

“Eu não ando sem ela, e quando eu fico sem ela eu me sinto desprotegido”. Além da preocupação de se manter o “corpo fechado”, ou seja, se proteger frente às ameaças espirituais externas, há a demanda de revigorar a vitalidade a partir do aumento da energia, da potência de viver, nesse caso é indicado o uso do “alecrim” (*Salvia rosmarinus*), especialmente o banho de “alecrim-do-campo” (*Baccharis dracunculifolia*). No que se refere a sintomas físicos, a planta conhecida por ele como “solda¹¹” pode ser utilizada em banhos, compressas ou emplastros para acelerar a cicatrização e “colagem” dos ossos em casos de fratura. Sendo preparada da mesma maneira, a “Baleeira” (*Cordia verbanacea*), é indicada se a dor for articular ou relativa a feridas e infecções crônicas, pois é reconhecida por limpar o sangue, ser “...depurativo, além de ser um antibiótico, muito bom” (Sr. Adão, 2025).

No campo das doenças respiratórias, o Sr. Adão cita o “Gervão” (*Stachytarpheta cayennensis*) como um “anti-inflamatório” que “restaura o pulmão” e pode ser ingerido após infusão ou maceração. Com a mesma posologia tem-se o “Assa-peixe branco” (*Vernonia polyanthes*), que se diferencia pela possibilidade de preparo empanado no ovo e frito como um filé, facilitando a administração para crianças, por exemplo, “[...] que criança não gosta de chá né” (Sr. Adão, 2025). Para problemas gastrointestinais, especialmente o refluxo, se destaca o “Saião” (*Kalanchoe pinnata*) e a “Espinheira Santa” (*Maytenus ilicifolia*), cujo chá pode ser preparado com as folhas ou casca da planta. Já as cólicas uterinas podem ser sanadas com o consumo, desde o terceiro dia anterior ao ciclo menstrual, do chá da “Manjerona” (*Origanum majorana*) ou da “Lágrima de Nossa Senhora” (*Coix lacryma-jobi*), esta também salientada para o tratamento da endometriose. Por fim, o “Mulungu” (*Erythrina verna*) e a “folha da bananeira seca” foram associados ao controle de sintomas derivados da ansiedade e do estresse.

Essa diversidade de usos que as ervas podem ter, revela saberes aprendidos de forma intergeracional e confirmados cotidianamente, seguindo uma lógica de substituições e equivalências que permeiam o modo oral de conhecimentos, mas que mantém a sua eficácia, quando corretamente administrado. Em complemento ao uso de ervas, na prática da benzeção, tem-se, além do uso de objetivos sacralizados, como um terço, um ramo de erva específico, a força emanada através da reza criteriosamente entoada, como um fundamento sagrado que permite sanar desordens de diferentes naturezas. Como mencionado, as benzeções ocorrem através de rezas que podem ou não incluir: uso de ramos ou folhas para potencializar os efeitos esperados, invocações aos santos, transferências de energia, ordens de afastamento do mal e gestos ritualísticos (Pereira; Gomes, 2018). O Sr. Adão as executam tanto para si, como para

¹¹ Nome científico ainda em investigação.

seus familiares, para os membros da Irmandade, demais irmãos de fé e a qualquer outra pessoa que necessite de uma reza, para os mais diversos fins, tais como proteção espiritual e/ou cura de doenças, sempre privilegiando a busca pela reordenação das energias do benzido.

De acordo com Pereira e Gomes (2018) a palavra detém a “força regeneradora dos tempos primordiais” e quando dita é capaz de neutralizar forças externas que enfraqueçam ou interfiram negativamente no funcionamento pleno da pessoa. Durante o ato de benzer, as ervas também podem ser utilizadas, mas no Reinado o rosário é privilegiado. Como exemplo, transcrevemos o benzimento contra o quebranto, que é considerado pelo Sr. Adão como um dos mais básicos:

Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, fulano, Jesus te gerou, Jesus te criou, então te desacanha que Jesus nunca se acanhou. Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade, eu retiro todo o mal do vosso corpo. Se for quebranto, que se saia. Se for mal oiado, que se saia. Se for malefício, que se saia. Se for mal da carne, que se cure. Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém. (SR. ADÃO, 2025).

A oração deve ser repetida três vezes e pode ser acompanhada pela invocação de santos de devoção do paciente ou do benzedor. E complementa: “Se foi entrada pela cabeça, quem tira a coroa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se foi entrada pelas vistas, quem tira a Santa Luzia...” (Sr. Adão, 2025), e assim por diante, até que se chegue aos pés.

Fica evidente a importância emblemática de elementos como o número “três”, considerado sagrado, e da potência das ordenações emitidas pelo benzedor (Pereira; Gomes, 2018). Somado a isso, são emitidos gestos apropriados, por exemplo, em menção de limpeza “do mal” ou em formato de cruz, como se vê a seguir no benzimento de cobreiro, nome popular associado à herpes-zóster: “Em nome das três pessoas de Santíssima Trindade, corta o cobreiro com funcho e água fria. Com leite da Virgem Maria, com três Pai Nossos, três Ave Maria.” (Sr. Adão, 2025). A instrução do capitão é que a oração seja três vezes proferida, em cada uma delas deve-se utilizar um ramo de erva, como alecrim, guiné, arruda ou, de preferência, funcho, molhando-o na água e “[...] rezando cruzado naquele cobreiro. No final, você joga, assim como esse ramo cairá sobre essa terra, com essa água fria e não brotará, o cobreiro de fulano também secará” (Sr. Adão, 2025). O benzimento deve ser repetido em três dias diferentes, totalizando nove ramos e nove execuções do rito.

A busca da cura/equilíbrio através do uso de ervas e benzeções, tal como exemplificados, convida-nos a adentrar no universo cosmopolítico que os reinadeiros vivenciam. A partir dos depoimentos do Sr. Adão e de seu filho Pablo, nos foi dada a oportunidade de conhecer um pouco mais de perto como se dá essa convivialidade com os diversos entes, dos seres-planta aos santos de devoção, desvelando um modo outro de ser e estar

que não cinde a cultura (socialidade) e a natureza. Bem ao contrário, é “[...] pela observação da realidade externa (Natureza) que o homem busca conhecer-se (realidade interna) [...] Essa unificação é o seu equilíbrio e aí ele se pauta, para compreender-se em projeção na Natureza.” (Pereira; Gomes, 2018, p.32).

AGÊNCIAS ENTRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS

A comunicação entre e os reinadeiros e seus ancestrais, guias e santos é uma realidade vivida de forma tácita ou patente (Cezar, 2010) e pode ocorrer de diversas formas, por mensagem enviada em sonhos, recebidas por orientações dos guias espirituais, nos benzimentos que envolvem, dentre outras agências, a dos santos, visando a purificação ou a cura de algum mal. Marina de Mello e Souza (2002) ao pesquisar a historiografia das festas de coroação de Reis negros no Brasil, destaca a sua vinculação à tradição Bantu, que tem como características o culto aos ancestrais, a realidade dividida entre o mundo dos vivos e dos mortos, de onde advém todo o conhecimento, o controle dos ritos religiosos por especialistas e a utilização de objetos magicamente confeccionados.

A agência das plantas e outros entes foi fortemente apontado pelo Sr. Adão e por seu filho Pablo durante as entrevistas. A teoria das agências de objetos, de Alfred Gell (2018), norteia que os agentes desencadeiam eventos a partir de si mesmos e não precisam ser necessariamente humanos. Dentre os episódios vivenciado pelo Sr. Adão, merece destaque o dia em que ele foi com sua mãe e sua avó colher a erva “disciplina”, já mencionada, boa para o alinhamento da mediunidade, e ela se escondeu. Isto se deu porque, quando estavam a caminho, um outro senhor, também raizeiro, chegou até eles e manifestou o desejo de conhecer tal erva. Em suas palavras, relata:

Nós pisamos nela e ela cheirou, porque ela cheira, mas cheira, mas cheira mesmo. E ela cheirou e nós pisamos, pisamos, pisamos e não achamos. Aí minha avó falou, “meu filho, vambora, porque já arrancaram ela. Você deixou aí preparado, mas já acharam ela, já arrancaram, vambora”. Aí nós fomos embora. Aí ele foi embora também, a vó falou, “agora vamos voltar lá e rancar a disciplina”. Falei, “ô vó, mas ocê não falou que já arrancou, porque nois num acho ela. Falou, “não, meu filho, ela escondeu, ele não podia conhecer ela, não, ela escondeu”. Nois chegou lá o ramo, tava tudo quebrado, da gente pisar em cima dela, nós tudo pisamos nela. Quebrou o ramo tudo e num enxergamos ela. [...]Então quer dizer, ela tem ciência, ela escondeu. E não foi de um só né, foi de três, quatro. Foi de quatro. Eu não vi, minha mãe não viu, a vó não viu, o cheiro nois sentimos, porque cheiro forte. E ele ficou para conhecer. (SR. ADÃO, 2025).

A ciência com o manejo das ervas é um saber que deve ser cuidadosamente preservado e não deve ser compartilhado com qualquer pessoa, principalmente aquelas de índole duvidosa. Vários foram os exemplos dados pelo Sr. Adão e seu filho, reforçando, com seus depoimentos, que o poder de agência das plantas, fica melhor direcionado quando receitado diretamente pela

espiritualidade, e aqui destacamos também o poder de agência das orientações dos guias, que sabem qual erva ou combinação de ervas vão servir para cada caso, mudando a receita de acordo com a demanda do consulente, tal como expresso por Pablo Máximo: “No caso da garrafada, já tive experiência que às vezes, muda por orientação espiritual.[...] Às vezes, tem que mudar alguma coisa. [...] Vai mudar essa erva, assim, assim, assado. Muda, sabe. Às vezes, muda”.

A agência das rezas - não somente no processo dos benzimentos, mas durante os momentos de devoção em grupo, como nas novenas que abrem o período dos cortejos, onde as guardas e ternos vão para as ruas – pode ser apreendida na relação da dádiva:

[...]em que vivos pedem a cura, almas e santos curam os vivos, ancestrais intercedem junto aos santos e assim ascendem na hierarquia numinosa por meio do milagre que possibilitou a cura dos vivos, vivos cumprem promessa agradecendo e homenageando os santos e seus intercessores reconhecendo-os como milagrosos. O dar-receber-retribuir conecta relações entre mundos distintos e, ao mesmo tempo, permite o trânsito entre seus diferentes atores e agências. (CEZAR, 2019, p.166)

São, portanto, diferentes realidades ontológicas que permeiam o universo em que os reinadeiros estão imersos, atualizando os saberes ancestrais nos desafios do dia-a-dia, seguindo fortalecidos pela fé em Nossa Senhora do Rosário e demais santos de seu panteão, de modo que seus processos sociais encontram-se “[...] circunscritos e condensados na tensa relação entre o visível e o invisível, os humanos e os não-humanos.” (Cezar, 2019, p. 167). É portanto, em uma rede de significações, permeadas de agentes diversos, que a relação saúde-doença se expressa, composto em um vasto campo de sentidos onde as doenças podem ter diversas causas, mas encontra guarita segura na cura que se ancora na confluência entre natureza e espiritualidade. O uso das plantas e das rezas, fundamentadas na fé e no convívio com a ancestralidade, produzem agenciamentos no corpo e no espírito na busca de uma saúde integral. E são todos os entes supramencionados, as ervas, os guias, os santos, os objetos de devoção, os ancestrais, os humanos, que agem, interagem e se transformam, deslocando ou mesmo dissolvendo as tênues fronteiras entre natureza e cultura. Em contraposição à perspectiva eurocêntrica que concebe a natureza como algo homogêneo, inerte, mero objeto de manipulação e extração de recursos, a cosmopolítica dos reinadeiros, no trato da saúde integral, propõe um “multinaturalismo” (Viveiros de Castro, 2015), onde humanos e não-humanos se relacionam, em “[...] uma concepção de *socius* – em associações – que estarão sempre em movimento e estabelecendo conexões”. (Gonzalez; Baum, 2013, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreendermos a realidade como uma rede de relações e interações, “[...] a tarefa

do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de “multiplicar o número de agências que povoam o mundo”. (Viveiros de Castro, 2015, p. 111-112, grifo do autor). Iniciamos a pesquisa sobre o trato da saúde com o uso das ervas e dos benzimentos, registrando o depoimento e ensinamentos de um capitão de Reinado, benzedor e praticamente da umbanda “de mesa”, e de seu filho, também capitão e aprendiz. Aprendemos que a tradição reinadeira se configura como um misto de cultura e religião, perpetuada pela tradição oral e fundamentada na devoção a alguns santos católicos em diálogo contínuo com memórias e saberes oriundos da ancestralidade Bantu. É certo que, dada a complexidade e densidade do período colonial escravista, as influências da cultura africana não se restringe aos povos de origem Bantu. Ainda assim, vários são os pesquisadores que confirmam a presença desta tradição nas práticas dos reinadeiros. De todo modo, é no cruzamento dos mundos e das temporalidades, mundo da vida e mundo mítico afrodiaspórico, que a memória coletiva e afetiva das Irmandades se faz e se refaz, se forma e performa em seus membros, jeitos singulares de ser e viver, em um contínuo diálogo com os mais velhos, autorizados a transmitir os conhecimentos que pertencem aos já falecidos, os ancestrais recentes e também remotos.

Segundo Cezar (2019, p. 163) é “durante a vida que os congadeiros e moçambiqueiros se encarregam de ensinar seus aprendizes sobre as práticas que envolvem a proteção e acesso ao mundo sobrenatural, a habilidade de possibilitar a separação ou conexão entre os mundos [...]”. A rede de relacionalidade que se descortina, na investigação sobre o cuidado de uma saúde que ultrapassa uma simples cura somática, já que o que se pretende é a integralidade, a reordenação de uma vida harmoniosa, revela-nos uma *episteme* outra, decolonial, da qual não é possível abstrair as relações ontológicas e políticas que se estabelecem de um “saber que é”. E nessa existência, que emerge sobre o signo da diferença pura e simples, sem a pretensão de se reduzir ou se comparar com fragmentos de similitude, a cotidianidade encontra-se permeada do diálogo entre o profano e o sagrado. A indissociabilidade entre esta realidade (ontologia) e a política se dá a partir das trajetórias de cada um, das relações que tecem seus processos identitários, onde os diversos convivem, co-vivem na dança da vida, uma vida que dialoga com os mortos, curando e sendo curados, no espaço-tempo da convivialidade entre mundos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica Editora, 2018.

CEZAR, Lilian Sagio. **O velado e o revelado: imagens da Festa da Congada**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP,

São Paulo, 2010. Disponível em < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10082010-134150/pt-br.php>> Acesso em 06 out. 2025.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003 [1933].

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1973].

GELL, A. **Arte e Agência: uma teoria antropológica**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALEZ, Z. K.; BAUM, C. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: reagregando o social no trabalho de Bruno Latour. **Pólis e Psique**, Rio Grande do Sul, v.3, n. 1, p. 142-157, 2013.

ILLICH, Ivan. **Tools for Conviviality**. Londres: Calder and Boyars, 1973.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTINS, L. M. A oralitura da memória. In, FONSECA, M.N.S (Org.) **Brasil Afro-brasileiro**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MELLO e SOUZA, M. **Reis Negros do Brasil escravista**. História da festa de Coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

OLIVEIRA, R. Diversidade cultural religiosa no congado mineiro – o corpo como mensageiro do sagrado. **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, 13, 2012. Disponível em <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/459>. Acesso em 19 out. 2025

PEREIRA, E. de A.; GOMES, N. P. de M. Inumeráveis Cabeças: tradições afro-brasileiras e horizontes da contemporaneidade. In, FONSECA, M.N.S (Org.) **Brasil Afro-brasileiro**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PEREIRA, E. de A.; GOMES, N. P. de M. **Assim se benze em Minas Gerais: notas sobre a cura através da palavra**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura, identidade: Matrizes e matizes**. Org. Mauro Passos e Léa Freitas Perez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUZA, T. P. de. Congado: tessituras identitárias e permanências de raiz africana. **EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá**, Ano 11, V. XXI, nº 2, 2018, P.187-214.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. 4. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.